

DEMOCRACIA EM CRISE

Paulo Timm –Publicado em A FOLHA, TorresRS -27 SET

Democracia, todos sabem, é o governo de todos, para todos e por todos. Não admite adjetivos. Mas todos sabem, também, que a definição mesma de democracia é sempre um ideal, nunca uma realidade palpável e acabada. Neste caso, caberiam então qualificações como democracia madura, democracia insipiente, democracia tardia, democracia frágil, democracia popular etc. Numa coisa, porém, há consenso: Queremos sempre mais democracia e não menos. A pergunta que fica no ar, entretanto, é sempre essa: Como?

Ultimamente estas questões têm vindo à tona no mundo inteiro e, particularmente, no mundo ocidental, onde, desde a Grécia de Péricles, a democracia se estabeleceu como parâmetro da liberdade. Depois de meio século de regozijo com sistemas democráticos de Governo, após a derrota do nazi-fascismo na II Guerra Mundial, começa-se a perceber sintomas que os colocam em cheque, começando pelo recrudescimento das ideias extremistas de direita em vários países, inclusive na própria Alemanha onde é vedado o uso de símbolos e expressões nazistas. O problema maior é que muitas das correntes da direita nem fazem alusão à Hitler ou Mussolini. Agem e falam como democratas convictos embora, no fundo, mais se assemelhem a estes fantasmas. Evitemos dar nome aos bois. Falemos, antes, de algumas razões que podem estar minando a democracia.

Muitos imaginam, quando as coisas vão mal, que isto ocorre por causa das pessoas. O discurso político é pródigo nisso apresentando-se sempre como uma alternativa ao que “aí está”. Na verdade, as situações sociais costumam desenrolar-se mais como processos do que por meros incidentes. E, com efeito, tem havido, nas últimas décadas profundas mudanças estruturais nas nossas sociedades, as quais talvez apontem para as causas da crise da democracia.

Comecemos pelas transformações da economia.

Na virada da década de 1980 nós ingressamos numa grande onda de inovações tecnológicas, com o advento da revolução eletro-eletrônica, ainda em curso, com novas derivações, agora além do campo da telemática e da robótica, para a área de administração de sistemas de informação. A consequência disto é visível no campo do emprego e da fisionomia das cidades. A velha classe operária dos bairros industriais deu lugar a dois processos simultâneos: elevadas taxas de desemprego em regiões e áreas antes industrializadas, com graves prejuízos à qualidade de vida de seus moradores e concentração do emprego urbano em setores do dito terciário, como prestação de serviços. Isso se refletiu imediatamente no comportamento eleitoral da cidadania, antes articulada, em grande parte, em Partidos Políticos com forte clivagem social. Não por acaso, regiões inteiras da França, Espanha e Itália, antes dominadas pela esquerda, hoje votam na direita. Trata-

se de áreas degradadas pela desindustrialização. Perderam o pé e o rumo. Mesmo nos Estados Unidos, o mesmo aconteceu com o Partido Democrata, antes fortemente ancorado no movimento sindical, hoje à mercê de uma Agenda mais liberal de defesa dos negros, da mulher e dos LGBTs. De outra parte, os integrados no sistema, com maior nível educacional e capacidade de acesso aos mercados, ficam, também influenciados por novos ares ideológicos sem correspondência nos Partidos.

Outro fator da crise, associado às mudanças acima assinaladas, é o modelo mesmo de organização política das democracias, com eixo em Partidos Políticos. São eles, no mundo inteiro que detêm, legal ou tradicionalmente, o monopólio da representação política e que acabam elegendo governantes e parlamentares. Tal modelo nasceu no final do século XIX, quando a Sociedade Civil ainda engatinhava e se via nos Partidos o caminho para a formação de lideranças seculares que substituiriam os Príncipes, capazes de conduzir os assuntos públicos. De lá para cá, porém, as formas de organização da sociedade e suas ideias e reivindicações se multiplicaram em Sindicatos, Associações de profissionais, como OAB, veículos de comunicação, Igrejas, ONGs ambientais e assistenciais, Movimentos Sociais de Negros, Índios, Mulheres e LGBTs, etc fazendo com que os Partidos ficassem muito aquém da promessa. Como diriam alguns juristas: “Há mais marxismo/socialismo nas Artes e Escolas do que nos Partidos de esquerda...” Há um descompasso cada vez maior entre a forma de organização da Política e a nova realidade social, ansiosa por outros modelos. Diante do fracasso dos Partidos o que ocorre? Os Partidos são invadidos por interesses que são alheios ao seu próprio Programa. O caso clássico foi a eleição de D. Trump pelo Partido Republicano nos Estados Unidos, onde, eleito, desenvolve uma política que contraria princípios e tradições dos republicanos. A moda, aliás, de milionários arrombarem a Política está se disseminando não só lá, mas em várias partes do mundo. Resultado: Crise da democracia.

Outro fator de falência da democracia é a manipulação dos próprios Partidos e dos processos eleitorais por grandes corporações, que montam poderosos lobbies em defesa de seus interesses, começando pelo apoio financeiro aberto ou simulado a candidatos, mas enveredando pela influência em campanhas através da contratação de redes de influência digital que espalham fake news de adversários por todos os poros. Nem os americanos ficaram livres dessa praga nas últimas eleições presidenciais...

Diante disso, a própria ONU, criada com o propósito de reunir todas as nações do mundo para a discussão aberta e encaminhamento dos programas paz e desenvolvimento conjuntos, vai se transformando em mais uma janela de espetáculos em que cada Chefe de Governo lá comparece para falar, não ao mundo, mas aos seus próprios eleitores. Mau sinal. E uma jovem sueca, Greta Thurnborn, lá deu seu grito de revolta. Hora, pois, de se começar a repensar tudo, sem abrir, por certo, do fundamental: A democracia é inegociável. Cada Nação acima de tudo, mas a Liberdade e o Desenvolvimento Sustentável devem ser o suporte de todas e cada uma delas.

